



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA ROSEANE ALVES MARREIRO

**A PERCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA DE PRÉ-ESCOLA SOBRE O PAPEL DA
LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LEITORAS.**

FORTALEZA

2022

MARIA ROSEANE ALVES MARREIRO

A PERCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA DE PRÉ-ESCOLA SOBRE O PAPEL DA
LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LEITORAS.

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Amorim
Martins.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M324p Marreiro, Maria Roseane Alves.
A percepção de uma professora de pré-escola sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras. / Maria Roseane Alves Marreiro. – 2022.
49 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Cristiane Amorim Martins.
1. Educação Infantil. 2. Literatura Infantil. 3. Leitores. I. Título.

CDD 370

MARIA ROSEANE ALVES MARREIRO

A PERCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA DE PRÉ-ESCOLA SOBRE O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS LEITORAS.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Amorim Martins.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Amorim Martins (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cristina Façanha Soares

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Celiane Oliveira dos Santos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Aos meus pais, Rosália e Antonio, por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu escudo e sempre me dar forças, mesmo quando não acreditei que tinha.

Aos meus pais, Rosália e Antonio, por serem o meu alicerce e pela sua compreensão, dedicação e amor infinito para comigo. Vocês me ajudaram a chegar até aqui.

À minha tia, Socorro, por se preocupar tanto comigo. Tenho você em meu coração.

As minhas pedagogias, Mariana, Joicy, Bianca e Adna. Os meus dias na graduação foram os melhores devido à vocês. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Aos meus amigos, Pedro e Carol, pelo carinho, amizade e também pelas implicâncias. Os considero como irmãos. Obrigada por sempre torcerem por mim.

À minha orientadora, Cristiane Amorim, pela paciência e dedicação que teve comigo e com o meu trabalho. Obrigada pelas inúmeras aprendizagens, reflexões e contribuições, irei leva-las para a minha vida.

Aos professores da FACED, que contribuíram para a minha formação. Obrigada pelo empenho.

À professora entrevistada, por disponibilizar o seu tempo para contribuir com o meu trabalho.

E, por fim, a Faculdade de Educação como um todo, por ter sido o meu refúgio durante esses quatro anos.

“Ler histórias para crianças, sempre, sempre...
É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações
vividas pelas personagens, com a ideia do
conto ou com o jeito de escrever dum autor e,
então, poder ser um pouco cúmplice desse
momento de humor, de brincadeira, de
divertimento.”

(ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo, investigar a compreensão de uma professora de pré-escola sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras, a fim de conhecer como percebe e efetiva isso em sua prática. Como objetivos específicos: 1-Discutir o papel da literatura infantil na formação de crianças leitoras na pré-escola; 2- Descrever a percepção de uma professora de pré-escola acerca do papel da literatura infantil na formação de indivíduos leitores; 3- Conhecer a percepção dessa professora a respeito de suas práticas com a literatura infantil no seu agrupamento. A parte teórica foi fundamentada nas contribuições de autores como, Abramovich (2006), Amarilha (2000, 2012), Coelho (2000), Zilberman (1994), dentre outros. Os processos metodológicos, consistiram na pesquisa qualitativa do tipo exploratória, usando como instrumento para a construção dos dados a entrevista semiestruturada com vinte perguntas abertas, feita de forma presencial, e realizada em dois dias. Os resultados apontam que a literatura infantil desempenha um papel importante na rotina do agrupamento. A professora compreende que a formação de leitores deve ter início desde cedo e que as experiências vividas ao longo da Educação Infantil contribuem para isso. Assim, considera que a literatura infantil é essencial para incentivar às crianças a perceberem a experiência de ler como prazerosa e divertida. No entanto, é possível concluir que existe, em sua prática, certa ênfase à preparação para o Ensino Fundamental ao focar e priorizar, no momento do reconto, a interpretação literal da história e ao promover atividades de escrita mecânica e obrigatória para as crianças. Essas experiências podem tornar o momento da história cansativo e pouco atraente, desvinculando o prazer que a criança sente ao vivencia-lo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Literatura Infantil; leitores.

ABSTRACT

The present work aimed to investigate the understanding of a kindergarten teacher about the role of children's literature in the development of reading children, in order to know how she perceives and implements this in her practice. As specific objectives: 1-Discuss the role of children's literature in the formation of reading children in preschool; 2- To describe the perception of a kindergarten teacher about the role of children's literature in the formation of individual readers; 3- Knowing this teacher's view of her practices with children's literature in her group. The theoretical part was based on the contributions of authors such as Abramovich (2006), Amarilha (2000, 2012), Coelho (2000), Zilberman (1994), among others. The methodological processes consisted of qualitative research of the exploratory type, using a semi-structured interview with twenty open questions as an instrument for data construction, carried out in person, and carried out in two days. The results indicate that children's literature plays an important role in the group's routine. The teacher understands that the formation of readers must start early and that the experiences lived throughout Early Childhood Education contribute to this. Thus, it considers that children's literature is essential to encourage children to perceive the experience of reading as pleasant and fun. However, it is possible to conclude that there is, in their practice, a certain emphasis on preparation for Elementary School by focusing and prioritizing, at the time of the retelling, the literal interpretation of the story and by promoting mechanical and mandatory writing activities for children. These experiences can make the moment in the story tiring and unattractive, disconnecting the pleasure that the child feels when experiencing it.

Keywords: Child Education; Children's Literature; Readers.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Breve histórico da literatura para a infância	13
2.2 O papel da literatura infantil na formação de crianças leitoras na pré-escola	16
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	20
3.1 Caracterização do sujeito da pesquisa	22
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS DADOS	24
4.1 A percepção da professora sobre o papel da literatura infantil na formação de leitores	24
4.2 As práticas com a literatura infantil no agrupamento de Infantil V	34
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS	48

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da Educação Infantil, as crianças precisam conviver com experiências de letramento que as apresentem um sentido para a leitura: durante uma confecção de cartazes, ou a escrita de uma carta coletiva, por exemplo, pode ser vista como uma forma de comunicação, que possibilita o convívio e a participação ativa do indivíduo dentro da sociedade. Uma dessas práticas, que Soares (2020, p.32) se refere como letramento literário, caracterizado pelo “o contato e a interação com as obras da literatura infantil”, encontra-se presente na rotina dos agrupamentos.

Desse modo, podemos destacar que o processo de formação de leitores tem início desde tenra idade, muito antes das mesmas adentrarem no período da alfabetização formal, e por isso, a leitura deve ser vista pela criança como uma tarefa prazerosa e significativa, na qual o ato de ler se mostre como uma experiência “saborosa”. Assim, a literatura infantil se apresenta como ferramenta para despertar o interesse da criança, estimular o gosto pela leitura e contribuir para a descoberta da escrita.

Tendo em vista que o ato de ler não é inato ao ser humano, o contato com práticas que aproximam a criança do universo da leitura é essencial para propiciar a sua identificação com essa atividade. Portanto, na educação pré-escolar, período marcado pela curiosidade infantil e perguntas sobre o mundo, o professor exerce um papel essencial na mediação entre a criança e os textos literários, já que para muitas é “a única voz que ela dispõe para ouvir histórias e mergulhar no universo da leitura [...] e pode ser aquele que faz um convite para que ela entre no universo da literatura” (FUERTES, 2017, p. 47).

O interesse pelo tema surgiu enquanto participava da disciplina “Literatura Infantil e Educação da Criança”¹, durante o meu sexto semestre no curso de Pedagogia (FACED/UFC). A partir disso, comecei a refletir sobre o papel que os textos literários tiveram ao longo da minha vida, principalmente durante a infância. Recordo-me das experiências com os livros, das idas à biblioteca da escola, do processo de escolha e da sensação que tinha ao ler uma história.

Minha tia me presenteou com as primeiras revistinhas da “Turma da Mônica” e meus pais, que não podiam se dar ao luxo de comprar livros pra mim, de vez em quando chegavam em casa com revistas do “Sesinho”. Os momentos oportunizados tanto na escola como em

¹ A disciplina aborda a relação entre literatura infantil e infância, e oferece embasamento e suporte para as práticas com a literatura infantil. É ofertada de forma optativa pelo curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FACED/UFC) e ministrada pela Profa. Dra. Cristina Façanha Soares.

casa instigaram o meu interesse pela leitura, e no decorrer da minha escolarização sempre estive em contato com algum livro. O sentimento de encanto que as histórias provocam é essencial para a formação de leitores. Abramovich (2006, p.10) relata isso ao compartilhar a sua experiência com a leitura:

ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Tendo a Educação Infantil como área de interesse pessoal, essas reflexões deram origem ao questionamento que guia a minha pesquisa: Como a literatura infantil pode contribuir para a formação de leitores na Educação Infantil? Entendendo a relevância do tema para as práticas pedagógicas em contexto de pré-escola, assim como para os profissionais da educação, professores, responsáveis por oportunizar esses momentos para as crianças, uma vez que põe em evidência a importância da mediação docente e do contato significativo e prazeroso com a literatura desde a Educação Infantil para a formação de leitores, tracei como o **objetivo geral** deste trabalho, investigar a compreensão de uma professora de pré-escola sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras.

Para alcançar esse fim, defini três **objetivos específicos**:

1. Discutir o papel da literatura infantil na formação de crianças leitoras na pré-escola.
2. Descrever a percepção de uma professora de pré-escola acerca do papel da literatura infantil na formação de indivíduos leitores.
3. Conhecer a percepção dessa professora a respeito de suas práticas com a literatura infantil no seu agrupamento.

Assim, este trabalho será dividido em cinco capítulos. No primeiro consta a introdução, o segundo apresenta as discussões teóricas sobre o tema, que estão divididas em dois subtópicos e são baseadas nas contribuições de autores como: Abramovich (2006), Amarilha (2000, 2012), Coelho (2000), Zilberman (1994), dentre outros. No terceiro capítulo, estão dispostos o percurso metodológico, assim como o motivo da escolha pelo tipo de pesquisa apresentada e as informações sobre a entrevistada. O quarto capítulo é dedicado à apresentação dos resultados obtidos. Para finalizar, apresento as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve histórico da literatura para a infância

A concepção que se tem sobre a criança se expressa no trabalho desenvolvido com a literatura infantil. Uma contextualização histórica nos permite visualizar como a relação entre literatura e infância foi estabelecida e que percepção de criança demandou o surgimento dos primeiros textos literários destinados a meninos e meninas.

O gênero que hoje conhecemos como “literatura infantil”, surge com a compreensão da infância como período importante para o desenvolvimento humano. As histórias sempre marcaram presença na vida das crianças por meio da tradição oral, que era passada através das gerações, mas não havia uma categoria literária produzida especificamente para elas.

Assim, até o século XVIII, não existia uma literatura específica para esse público, uma vez que as crianças não recebiam cuidados especiais, logo, eram tratadas de forma semelhante aos adultos. Sendo assim, a infância era vista como uma fase pela qual o indivíduo deveria passar para chegar à idade adulta, na qual poderia contribuir efetivamente para a sociedade (GREGORIN FILHO, 2009).

As crianças participavam da vida em sociedade, mas não havia distinção entre elas e os adultos, ou seja, não existia cuidados especiais ou a preocupação com suas especificidades (AMARILHA, 2000). Se não havia um olhar singular sobre a criança, não seria necessário existir produtos que as contemplasse, como por exemplo, textos literários. Logo, a literatura consumida pelas crianças naquele período era a mesma destinada aos adultos.

A literatura infantil começa a ganhar forma à medida que a infância se torna visível para a sociedade, e a criança deixa de ser vista como “adulto em miniatura”. A partir do século XVIII surge uma nova compreensão sobre a infância: que começa a ser vista como uma etapa que deve receber atenção especial e instrução, tendo em vista a sua fragilidade (ZILBERMAN, 1994). É através desse entendimento que as histórias começam a ser pensadas para atingir esse público.

A criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, havendo então o distanciamento da vida “adulta” e recebendo uma educação diferenciada, que a preparasse. Nesse momento, a criança é vista como um indivíduo que precisa de atenção especial que é demarcada pela idade. (SILVA, 2009, p. 136 -137).

Nessa época, a sociedade europeia, o berço da disseminação de clássicos da literatura infantil conhecidos até hoje, passava por grandes mudanças sociais decorrentes do processo de industrialização, o qual se revela como um período em que “valores eram descartados em

detrimentos de outros novos que despontavam com o poderio econômico de uma classe emergente: a burguesia.” (GREGORIN FILHO, 2009, p.108)

Essa mudança desencadeou uma nova forma de se conceber as relações econômicas e também sociais, a concepção de família tornou-se mais estreita e a criança passou a ser colocada no centro desse núcleo familiar (ZILBERMAN, 1994). Desse modo, é a visão capitalista que começa a colocar a infância em evidência, ao se preocupar com o seu preparo para a vida adulta, para o trabalho (AMARILHA, 2000).

Assim, esse cenário abre espaço para que a literatura comece a contemplar o público infantil, que passa a ter visibilidade frente às suas especificidades, as quais o diferem do adulto devido sua fragilidade e dependência. Com isso, segundo Amarilha (2000), surge a necessidade de educá-los de acordo com os novos princípios da sociedade, e, portanto, a literatura infantil se mostra como um instrumento para o alcance desse fim. Apresentam-se textos mediados pela perspectiva moral e que, “utilizava-se de recursos lúdicos para na verdade, vestir de prazer instruções pouco agradáveis”. (AMARILHA, 2000, p.129).

Se ressalta a ideia de instrumento educativo, que tem por objetivo ensinar e repassar costumes e valores para as crianças. O texto literário infantil, que surge com e para a infância, nasce como mecanismo que busca atender a propósitos pedagógicos técnicos e que, segundo Amarilha (2000, p. 129) "reafirmava a atitude da sociedade para essa faixa etária – dominá-la, torná-la adaptada aos valores e condições do mundo adulto a que um dia ascenderiam".

Essa perspectiva ilustra a dinâmica que marcou a relação entre as histórias e a infância, à medida que acompanha a percepção que havia sobre quem era essa criança e o que precisava aprender. Assim, caminha-se de um período marcado pela indiferença frente às características específicas desse público, para uma postura que contempla a relação entre literatura e infância por meio do caráter ora moralizante e ora pedagógico de suas obras, em que o texto literário se volta como uma ferramenta para a construção de valores e de aprendizagens condizentes aos propósitos sociais da época. Aqui, a criança é percebida como alguém frágil e dependente da proteção do adulto, a quem cabe tomar as decisões sobre o que deve aprender. Assim, “apesar da atenção que recebiam, as crianças continuavam sem voz” (AMARILHA, 2000, p.129). Portanto, a concepção de criança determina o caminho que a literatura infantil segue.

Antes de se conceber este novo sentido de infância, Charles Perrault, considerado como um dos precursores da literatura infantil, foi responsável por adaptar histórias da literatura popular da época para a educação das crianças, através de uma linguagem mais simples que poderia ser entendida facilmente por elas (CADEMARTORI, 1987).

Os contos de fadas que conhecemos e que são lidos até os dias de hoje surgiram com ele (SILVA, 2009) através da coletânea intitulada como “Contos da Mamãe Gansa”, que incluía obras como “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela Adormecida”, que tinham o objetivo de transmitir valores morais, mas que apesar disso foram muito importantes por pensarem na criança como alguém diferente do adulto.

Posteriormente, os contos também ganharam novas versões com os Irmãos Grimm, que os adaptaram para o público infantil com o propósito de contemplar os fins pedagógicos da época, e com Christian Andersen, que não apenas adaptou as histórias transmitidas oralmente do folclore Europeu, mas também trouxe sua própria contribuição na construção das mesmas. (AMARILHA, 2000)

Deste modo, Amarilha aponta que:

O primeiro repertório de literatura para a infância foram as fábulas e os contos de fadas. Tendo sofrido alterações conforme a necessidade de cada época, sobreviveram por que na sua origem não foram concebidos como gêneros para crianças, mas como manifestações de diferentes grupos sociais. (AMARILHA, 2000, P. 130)

Assim, a literatura infantil passa a se reinventar ao longo do tempo e sofre alterações conforme a compreensão de infância que há. Esse repertório, que inclui desde as histórias clássicas até as narrativas mais atuais, se faz muito presente na Educação Infantil, mas também dentro e fora do contexto escolar, sendo vivenciados pelas crianças por meio da prática dos professores e de experiências no âmbito familiar.

2.2 O papel da literatura infantil na formação de crianças leitoras na pré-escola

As crianças convivem com histórias desde muito cedo, através dos textos transmitidos oralmente pelos pais e outros adultos, que retratam as situações do cotidiano familiar ou na criação de narrativas a fim de entreter os pequenos, às vezes os colocando como protagonistas dessas aventuras. Esses momentos se constituem como vivência através da escuta, uma vez que “a audição é um dos primeiros sentidos a se desenvolver no homem” (AMARILHA, 2012, p.56) e, portanto, uma fonte de descobertas sobre o mundo. Ainda bebê, as canções de ninar que acalentam, trazem uma voz conhecida que a embala, e mais a frente, quando vai crescendo, o contato com poemas sonoros, livros curtos ou histórias que apresentam lugares distantes e encantados intermediado pela voz do adulto, possibilita o começo da imersão das crianças no universo da leitura (ABRAMOVICH, 2006).

O parecer CNE/CEB nº: 20/2009, considera que a aquisição da linguagem oral se constitui pelas possibilidades que a criança tem ao observar e participar de situações em que podem se comunicar, ouvir histórias, narrar e expressar os seus pontos de vista livremente. Assim, esses momentos devem ser planejados e continuamente trabalhados, uma vez que são de extrema importância para se alcançar esse fim.

A criança que frequenta a pré-escola (4 e 5 anos) já faz uso da linguagem verbal oral e vive uma fase marcada pela curiosidade, com o surgimento de perguntas e questionamentos sobre o mundo que a cerca e sobre os seus sentimentos pessoais. Dentro da Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica, que tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento integral do sujeito, a criança é estimulada a participar de diversas experiências que envolvem a atividade da leitura, a fim de instigar o seu interesse e mostrar para que lemos.

Ainda assim, Abramovich (2006) nos lembra que ouvir muitas histórias é o começo da aprendizagem para se tornar um leitor, e, assim, poder encontrar um caminho de descobertas e de compreensão sobre o mundo. Portanto, o texto literário chega até a criança como uma forma de contemplar a sua busca por respostas, e também se revela como um instrumento para a construção de novos conhecimentos, ao apresentar contextos e situações até o momento desconhecidas por ela.

Nesse sentido, a literatura infantil, que se encontra presente na rotina das instituições de Educação Infantil, por exemplo, por meio da “roda de histórias”, experiência que costuma despertar o interesse das crianças pelos livros e seus enredos lúdicos, através dos quais elas podem transitar entre a realidade e a fantasia, vivenciando a leitura como atividade prazerosa. Afinal, “as histórias infantis apresentam um mundo de fantasia, às vezes distantes ou não da

realidade das crianças, mas que alimentam seus sonhos, a principal razão de sucesso quando são contadas” (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 53-54).

Para Coelho:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, à vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p.27)

Essa definição apresenta a literatura infantil como arte literária, que encanta e permite ao seu leitor adentrar nesse mundo de possibilidades. Assim, a criança vivencia, por meio da literatura, experiências ricas que lhe permitem fazer descobertas sobre si e sobre o mundo, uma vez que a criança exerce um papel ativo na construção do seu conhecimento, e constrói sentidos a partir das relações que estabelece com o outro. Nessa perspectiva, as DCNEIS (BRASIL, 2009, p.1) trazem uma concepção de infância que a caracteriza como um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Através da literatura infantil, ao adentrar na esfera do imaginário, a criança pode vir a sentir emoções que ainda não conhece. Enquanto escuta uma história e se coloca no lugar dos personagens, pode chorar, sentir raiva, alegria ou medo, descobrindo sobre os seus próprios sentimentos. As histórias se mostram como forma das crianças entenderem o que sentem, descobrirem e conviverem com os seus conflitos internos (BETTELHEIM, 1999 apud FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 54), uma vez que podem lidar com diversos sentimentos presentes na vida humana.

Segundo Martins (2018, p. 43) “a literatura provoca uma vivência interna ao leitor”, que possibilita a sua identificação com as histórias, por meio de um processo de descobertas e de compreensão sobre mundo, através do qual real e imaginário se fundem. Assim, se percebe que a relação entre a obra literária e a criança vai além de um simples contato superficial, uma vez que também a permite fazer descobertas sobre si ao se encontrar com os personagens, experiência que colabora na construção de sua identidade. Além disso, a criança explora nas histórias, as mais diversas situações, já que nelas pode descobrir:

o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra

personagem (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança) e, assim, esclarecer as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas. (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Assim, os textos literários infantis promovem o desenvolvimento da criança à medida que estimulam descobertas sobre os seus sentimentos, respondem a questionamentos e dúvidas, e que também favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico, já que, com frequência, provocam reflexões do tipo: “por que o personagem fez isso?” e “o que faria no seu lugar?”. Nessa perspectiva, segundo Ferreira e Pereira (2015, p.56):

A Literatura Infantil fornece um rico material no trabalho com as emoções, propiciando também a fantasia, a recuperação, o escape e o consolo, possibilitando à criança um equilíbrio, favorecendo o estímulo da inteligência e produzindo um vínculo afetivo.

As crianças em idade pré-escolar, entre 4 e 5 anos, se incluem no que Jean Piaget (1896-1980) em sua teoria da epistemologia genética, considera como estágio pré-operacional (2-7 anos), período em que o pensamento infantil se caracteriza como mágico e o jogo simbólico (faz de conta) predomina.

Assim, a literatura infantil proporciona à criança viver a fantasia e a realidade, ou seja, enquanto se encontra no real, pode se transportar para o mundo da fantasia, se identifica com as histórias, descobre o prazer de ler, e através da ludicidade presente nos textos, brincar de imaginar.

Para Amarilha (2012), a linguagem literária atrai a criança por intermédio do jogo lúdico que representa: ao ouvir uma história, a criança se distancia da realidade e adentra ao mundo do faz de conta, pois ela não é apenas alguém que assiste e acompanha o desenvolvimento da narrativa, mas se coloca no lugar dos personagens, vive seus dilemas, partilha de suas emoções, se colocando em contato com dramas que pode vir a viver durante o seu crescimento.

Colombo (2009) destaca que o ato de ler e o gosto pela leitura não são condições inatas à criança, dependem da vivência de experiências significativas para ela. Nessa perspectiva, Coelho (2000) nos lembra que, por mais importante que uma informação seja, se não há o interesse, a mesma não é preservada em nossas memórias. Nesse sentido, não se pode formar um leitor de textos literários se não existe o convívio com as histórias, a criança constrói o seu conhecimento a partir de situações que lhe proporcionam prazer e emoção (FERREIRA; PEREIRA, 2015).

A aprendizagem significativa acontece quando a criança se utiliza daquilo que aprende para pensar sobre e agir no mundo. Esse é o principal conceito da teoria da aprendizagem do

psicólogo David Ausubel (1918-2008), que coloca em evidência a importância e o valor dos conhecimentos prévios da criança na construção de sua aprendizagem (SANTOS; JUNIOR, 2016). Segundo Pelizzari et al, para alcançar esse fim é necessário levar em consideração dois fatores: que a criança sinta necessidade/desejo de aprender e que o objeto a ser ensinado seja significativo (2002). A relação que a criança constrói com a leitura se desenvolve a partir dos momentos em que convive com os textos.

Assim, as experiências com a linguagem do texto literário, que possui características diferentes da linguagem verbal cotidiana, possibilitam que gradativamente a criança note essa diferença, principalmente quando mantém contato com a mesma história (AMARILHA, 2012). Colombo (2009) considera que os textos de literatura infantil são completos, de modo que oferecem o lúdico, a possibilidade de imaginar e favorecem o aprendizado da leitura.

A utilização da Literatura Infantil no processo de formação de leitores é primordial, pois a leitura é a compreensão da língua escrita que envolve a percepção, a memória e a relação do indivíduo com o texto, em um processo de cognição e emoção simultaneamente. (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 56)

Deste modo, ao passo que vivenciam plenamente o que a literatura pode oferecer, às crianças que crescem tendo contato com livros começam a se perguntar sobre os elementos que compõem aquelas páginas, os pequenos pontos pretos que marcam o papel (FUERTES, 2017). Portanto, as crianças se interessam pela escrita muito antes de serem formalmente apresentadas a ela (BNCC, 2018). Possibilitar o contato das crianças com a literatura infantil é de fundamental importância, já que oportunizar “a condição de ouvir e contar histórias é disponibilizar lhes informações que, certamente, irão alimentar a imaginação e despertar o prazer pela leitura e escrita.” (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 54).

Para Amarilha (2012), a literatura infantil proporciona o contato com o simbólico através de dois níveis: o da palavra, uma vez que por intermédio dela acontece o processo de imaginação do universo a que a história se propõe; e o da identificação com os personagens e enredos, que permite ao leitor infantil transitar entre realidade e fantasia.

Abramovich (2006, p.24), aponta que “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores ... É encantamento, maravilhamento, sedução ... O livro da criança que ainda não lê é a história contada”. Assim, na Educação Infantil, os professores são responsáveis por aproximar as crianças do universo da leitura, e ao lerem com e para elas, devem proporcionar um contato significativo e prazeroso com o texto literário.

3 METODOLOGIA

A abordagem metodológica seguida neste trabalho é caracterizada como sendo de natureza qualitativa, uma vez que essa abordagem oferece recursos para o alcance dos objetivos já mencionados anteriormente. Para Minayo (2011, p.21-22), a pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, a fim de conhecer a percepção de uma professora sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras na pré-escola, se faz necessário reconhecer a subjetividade humana da entrevistada e, portanto, levar em consideração suas singularidades, o contexto de suas vivências cotidianas e sua trajetória de atuação profissional.

A pesquisa é do tipo exploratória, pois conforme Gil (2008), esse modelo de estudo pode proporcionar ao pesquisador uma visão ampla e mais próxima sobre o assunto. Assim, em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com a intenção de compreender o papel que a literatura infantil desempenha na formação de leitores, e, posteriormente, foi realizado um estudo de caso para investigar “um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade” (YIN, 2005, p.32 apud GIL, 2008, p. 50), tendo como sujeito uma professora do infantil V da rede municipal de Fortaleza, a fim de conhecer a sua percepção sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras e promover uma reflexão sobre como a literatura infantil se insere na prática com o seu agrupamento.

Deste modo, optei por utilizar como instrumento para a construção de dados a entrevista semiestruturada, partindo de um roteiro com perguntas elaboradas previamente, mas ainda levando em consideração as características da professora e os objetivos da pesquisa, sendo receptiva às contribuições e reflexões surgidas durante a conversa, que pudessem colaborar para enriquecimento do trabalho. Para Triviños (1987, p.146 apud ANDRADE, 2009, p. 33) a entrevista semiestruturada seria:

[...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino da prefeitura de Fortaleza, que atende crianças do infantil IV até o 5º ano, sendo o sujeito investigado uma professora responsável por um agrupamento de Infantil V pela manhã, e por uma turma de 5º ano no turno da tarde. A entrevista contou com um roteiro de vinte perguntas abertas e foi realizada em dois encontros. O primeiro deles aconteceu na sala do quinto ano, enquanto os estudantes realizavam uma atividade escrita individual. Em alguns momentos, interrompemos a entrevista para a professora falar com alguns deles.

O segundo encontro, quando demos continuidade à entrevista e a concluímos, aconteceu na sala de referência do Infantil V, tendo crianças sob a responsabilidade de duas profissionais que participam da rotina do agrupamento: a primeira, “embaixadora da paz”², já teve experiência em outros programas da prefeitura, como o “alfa 1, 2, 3”³, atualmente cursa Pedagogia e, além de auxiliar Márcia, substitui a professora afastada em um agrupamento de infantil V (à tarde), e a segunda profissional, agente de inclusão⁴, que transita pelas salas dando apoio às crianças com deficiência.

Destaco que tenho ciência de que o ideal seria que a entrevista fosse realizada em um ambiente em que a professora e eu tivéssemos privacidade, porém, aceitei as condições colocadas por ela, sem consultar a orientadora do presente trabalho, porque não tive escolha. Não teria tempo para definir uma outra instituição de Educação Infantil e contactar outra professora para participar da pesquisa.

É importante considerar, também, que a existência de três profissionais com funções contratuais e formações distintas, partilhando a regência de um agrupamento de Educação

² Segundo o Edital 10/2022, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, as pessoas que ocupam essa função desenvolvem atividades de natureza voluntária, com intuito de promoção Cultura de Paz. Para participar da seleção para a função, é exigido que os candidatos sejam maiores de 18 anos e tenham concluído o Ensino Médio. É oferecido ressarcimento para despesas com transporte e alimentação, no valor de R\$ 1.050,00 (mil e cinquenta reais), para uma carga horária de 08 (oito) horas diárias e 40 (quarenta) horas semanais.).

³ Segundo o Edital 01/2022, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, o projeto Alfa 1, 2, 3 tem como objetivo favorecer a apropriação, continuidade e consolidação do processo de alfabetização dos estudantes matriculados nas turmas de 1, 2 e 3 anos da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, visando o fortalecimento das ações pedagógicas para este fim, bem como a recomposição da aprendizagem diante do contexto de pandemia.

⁴ Segundo o Edital 01/2022, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, as pessoas que ocupam essa função devem atuar no fortalecimento das ações inclusivas, contribuindo para assegurar as condições para o pleno acesso e participação dos estudantes com deficiência nas diversas atividades desenvolvidas no contexto escolar, promovendo o atendimento das necessidades específicas dos estudantes. Para participar da seleção da função, é exigido que os candidatos sejam maiores de 18 anos e tenham concluído o Ensino Médio. É oferecido ressarcimento para despesas com transporte e alimentação, no valor de R\$ 1.050,00 (mil e cinquenta reais), para uma carga horária de 40 (quarenta) horas semanais.

Infantil, merece reflexão (Qual a justificativa para essa situação? Como é realizado o planejamento das ações desses profissionais? Como se definem as ações de cada um?)

3.1 Caracterização do sujeito da pesquisa

Para preservar a identidade da professora, apesar da mesma autorizar o uso do seu nome verdadeiro, optei por utilizar um nome fictício. Marcia, de 56 anos, é licenciada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), se formou no ano de 2011, e possui pós-graduação em psicopedagogia, em Educação Infantil e em alfabetização.

Ela afirma que sempre teve interesse pela área da educação e, em suas palavras, “não consegue se ver fazendo outra coisa”. Relata que se casou muito jovem e, por isso, a criação dos filhos tornou-se sua prioridade. Quando eles cresceram, decidiu retomar os estudos e realizar seu sonho de infância, já que quando pequena, gostava de “brincar de dar aula”. Acumula quinze anos de experiência como docente, destes, cinco na rede privada e dez na rede pública de ensino.

Durante a sua formação, cursou disciplinas na área da Educação Infantil, e, inclusive, uma disciplina dedicada especificamente à literatura infantil. Iniciou a sua carreira como professora do ensino fundamental I, mas após ter contato com a Educação Infantil, adquiriu interesse pela área. Seu contrato com a rede municipal de educação é como professora substituta, tendo assumido o atual agrupamento cerca de dois meses antes da realização da entrevista, em substituição a uma professora afastada sob licença.

Ela expressa ter preferência pela Educação Infantil, principalmente pelas turmas de pré-escola (IV e V), acumulando cinco anos de experiência nesse segmento, mas atualmente, como já mencionado, ela leciona também no quinto ano. Segundo Márcia, enquanto professora substituta, não pode escolher as turmas que irá assumir, pois deve atender às demandas da rede. Seu atual agrupamento é composto de vinte crianças

Para essa professora, a Educação Infantil:

É a base de tudo, pois na Educação Infantil é que a criança começa a socializar, começa a aprender a falar, a interagir com os outros. É na Educação Infantil que eles começam tudo, pois se não tiverem passado por ela, quando chegarem no Ensino Fundamental tem coisas que eles não vão saber fazer [...] tudo é ensinado, o carinho com o outro, o envolvimento, a interação entre eles, tudo se desenvolve na Educação Infantil.

É importante destacar que a Educação Infantil não tem como função a “preparação” para o Ensino Fundamental, e sim a promoção do desenvolvimento integral da criança, incluindo os aspectos físicos, emocionais e sociais, portanto, vai além da aprendizagem de técnicas, como, por exemplo, de segurar um lápis. Todas as experiências devem se constituir situações de aprendizagem e desenvolvimento. Podemos considerar, no entanto, que Márcia reconhece a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento social da criança, mencionando as interações vividas nesse ambiente.

Marcia considera que a relação entre o professor e criança é muito forte, “*para elas é Deus no céu e a professora na terra*”, e por isso, para atuar na Educação Infantil, visualiza ser necessário ter, em suas palavras, “*muito amor pela criança e paciência*”.

4 APRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS DADOS

O presente capítulo pretende descrever e analisar a percepção da professora acerca do papel da literatura infantil na formação de leitores, assim como conhecer, a partir da sua perspectiva, como são desenvolvidas as práticas com o seu agrupamento. Para a melhor compreensão dos dados obtidos pela entrevista semiestruturada e possibilitar o aprofundamento da discussão, os objetivos específicos foram divididos em dois tópicos.

4.1 A percepção da professora sobre o papel da literatura infantil na formação de leitores

Ao ser questionada sobre sua experiência com a leitura, as situações e a frequência com que lê, a resposta da professora foi a seguinte: *“Eu gosto muito de ler livros da minha área. Estou procurando ler os meus livros da psicopedagogia para me dar um suporte. Tento exercer na sala de aula o pouco que aprendi.”* A finalidade das leituras que realiza tem o objetivo de oferecer instrumentos para sua prática com as crianças, e para isso, costuma utilizar textos e livros acadêmicos, a fim de aprofundar seus conhecimentos e aplicá-los em sala. Segundo Márcia, suas leituras também têm como foco a prática pedagógica no Ensino Fundamental.

Ao falar das leituras voltadas para a etapa da Educação Infantil, seu foco parece ser os textos literários: *“eu amo os livros infantis, gosto muito de trabalhar histórias com eles”*. Para dar ênfase ao seu comentário, relata que ao final de uma leitura de um livro no seu agrupamento, costuma solicitar às crianças que façam o reconto da história oralmente ou por meio do desenho. É interessante lembrar que os textos literários participam da construção das práticas, e conseqüentemente do currículo da Educação Infantil, mas as leituras de uma professora dessa etapa da educação não devem se limitar a textos literários, sendo necessário incluir publicações sobre práticas pedagógicas, suas ações de planejamento, observação, registro e avaliação.

A experiência de leitura no cotidiano de creches e pré-escolas devem colocar a criança em um papel ativo, ao possibilitar que exponha a sua opinião e sua compreensão sobre o que foi lido, expressando seu interesse pela história, uma vez que pode exprimir sobre aquilo que mais gostou, se mudaria algo ou o que lhe chamou mais atenção. Segundo o parecer CNE/CEB nº: 20/2009 é essencial para a criança viver situações em que possa expressar livremente o seu ponto de vista, sendo o momento de reconto da história uma oportunidade de

ela expressar seu ponto de vista sobre, seja oralmente ou através do desenho, como se sentir mais confiante. Abramovich, nos lembra que “ouvir história pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar” (2006, p.23), assim, não deve ser algo rígido e decidido apenas pelo professor. Também é importante destacar que esse momento não deve ser caracterizado como uma obrigação ou imposição do adulto sobre a criança, mas que ela se sinta disposta para fazer da forma que o decidir.

A professora também relata selecionar e retirar palavras das histórias para que as crianças as reproduzam no caderno, com o objetivo de trabalhar, a partir dessas palavras, o reconhecimento das letras e a formação de cada palavra. Segundo Reyes (2010, p. 67 apud FUERTES, 2017, p. 44) as “descobertas mobilizadas pelo contato literário são fundamentais para que se entre na linguagem escrita”. Também não podemos esquecer que as crianças precisam vivenciar a leitura de histórias se deliciando com o enredo, ou seja, experimentar ler por prazer.

O uso da literatura infantil na prática do professor ainda é um assunto muito discutido. Para Coelho (2000), não existe separação entre a finalidade pedagógica e o entretenimento no texto literário, são vertentes que estão ligadas. Partindo de uma atividade contextualizada para a criança e considerando o seu interesse, utilizar o texto literário como recurso para a aprendizagem da escrita não é algo negativo. A professora alega existir certa pressão para que as crianças saiam da Educação Infantil conhecendo letras e palavras, e realizando a escrita do nome. Nesse sentido, é importante frisar a importância de se oportunizar aos pequenos o momento de apreciação e deleite com a história, e assim, possibilitar a sua imersão na escrita a partir de experiências significativas, como através da leitura de bons livros.

Ao ser questionada acerca de seu interesse pela leitura, Márcia diz:

Sempre gostei de ler, na minha adolescência lia livros de romance, adorava às Sabrinhas, gosto do Paulo Coelho, adoro! Alguns livros assim, mas quando passei a fazer faculdade, era mais uns livros dessa área mesmo.

O incentivo à leitura se deu por intermédio de sua mãe, que, segundo Márcia, apesar de não saber ler, é uma pessoa “altamente inteligente em *visão de mundo*”. Foi com a mãe que ela aprendeu as primeiras letras. Nesse sentido, podemos trazer à luz a compreensão de Paulo Freire, de que “a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra” (1989, p.13).

Ela não era leitora, mas incentivava [...] não vou dizer para você, ser hipócrita, que sou leitora, sou leitora na medida do possível e a partir do que eu preciso ler para o meu trabalho.

Pelas falas percebemos que a leitura tem forte ligação ao seu cotidiano profissional, assim como também se constitui em um momento prazeroso para ela. É importante que o professor seja um exemplo de leitor para a criança, principalmente levando em consideração que hoje “começam a frequentar a escola cada vez mais cedo e o professor acaba por assumir um papel ainda mais importante como mediador entre as crianças e os livros” (FUERTES, 2017, p.71). A criança se espelha na figura do adulto, portanto, para apresentar a leitura aos pequenos é preciso levar em conta, enquanto educador, a sua relação pessoal com essa atividade, pois se o objetivo é formar leitores, ser “um leitor ativo” é fundamental.

As respostas de Márcia sempre trazem aspectos da sua prática, e quando perguntei sobre o que seria a literatura infantil, não foi diferente, ela considera que:

É o mundo da fantasia, que você viaja! digo para eles assim “agora nós vamos viajar na leitura”. Para eles que não entendem, que não leem, a gente vê alguns olhinhos como se estivessem remetendo a história, faço tudo para que eles gostem da leitura e viagem na história. A literatura infantil é esse mundo infantil que tenta fazer a criança viajar na leitura, o que é muito importante.

Ela se refere a literatura a partir de sua dimensão artística e estética, como Coelho (2000) também a define: arte. Os enredos e contextos lúdicos que permeiam as obras de literatura infantil atraem a atenção das crianças e representam um mundo de possibilidades para elas. A professora utiliza o termo “viajar na leitura”, e o texto literário possibilita a imersão e fruição em seu leitor, permitindo-lhe adentrar na história e sentir prazer com isso. Através de sua fala, também demonstra reconhecer que a criança precisa gostar desse momento, pois o interesse pela leitura se constrói a partir das experiências significativas que ela vive e com as quais se identifica. É importante frisar que “mesmo crianças não “alfabetizadas” são capazes de estar ativas no processo de leitura escutando histórias” (Martins, 2018, p. 43).

Quando questionada se considera que de alguma forma a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento do interesse pela leitura, ela diz:

Com certeza contribui, porque mesmo a gente vendo ou achando que eles não ligam, alguma coisa vai plantar, porque assim, é uma plantinha que você rega todo o dia e às vezes eles surpreendem você. [...] por que lá na frente eles vão ter a lembrança das histórias, das experiências vivenciadas através da leitura na Educação Infantil.

O interesse pela leitura, segundo ela, se dá por meio das experiências proporcionadas nesta etapa. A compreensão é que, na Educação Infantil, o contato contínuo com situações de leitura vai ser determinante para a relação que a criança vai estabelecer com tal atividade no futuro. A expressão “plantinha que você rega todo o dia” revela que incentivar isso também é importante para ela. A professora visualiza esse resultado como sendo de longo prazo, ao considerar, em sua fala, que apesar de não perceber o interesse agora, “*lá na frente eles vão ter lembrança das histórias*”, ou seja, que o estímulo pode resultar no interesse pela leitura e para percebê-la como algo positivo. Márcia considera que para isso a literatura infantil é muito importante e deve ser inserida no contexto da Educação Infantil desde cedo. Segundo Azevedo (2007 apud COLOMBO, 2009, p. 70), para a formação de um sujeito letrado, que domina a leitura, e os diferentes sentidos de ler, a criança precisa ter contato desde cedo com os livros de literatura infantil e com o universo de fantasia das histórias.

Nesse sentido, a próxima questão se refere ao que ela pensa sobre o contato das crianças com obras de literatura infantil, a qual responde que:

É extremamente necessário! tanto que tem atividades que faço com eles em que coloco vários livros no chão para que eles escolham o livro que querem. Quando eu termino a leitura eles passam o livro, toda vida, digo que “agora vamos ver o livro”, aí vai cada um passando e folheando o livro.

Oportunizar momentos de escolha livre dos livros oferece à criança a possibilidade de selecionar entre os diversos materiais aquele que mais lhe interessou, e se mostra como uma ação de incentivo à leitura. O professor exerce o papel de guiar não apenas o momento da história, mas o contato das crianças com o objeto, demonstrando como usá-lo a fim de proporcionar a sua autonomia. A relação do leitor com o livro, a descoberta e o manuseio do material se configuram como aprendizagem. Segundo a professora, as crianças costumam folhear os livros, atividade que permite a plena exploração do material, ao possibilitar o contato com as palavras, as imagens, as texturas, e também “interagir com os personagens de perto” (FUERTES, 2017, p.83).

Um elemento muito importante citado por Márcia foi a leitura de imagens:

Aí eles vão ver as figuras, fazer leitura de imagens e depois fazer a contação, fazer um desenho, entendeu? Então assim, é extremamente importante e necessário, principalmente começando agora de bebezinhos porque vai criar aquele hábito.

Segundo Souza, a “característica indispensável nos livros destinados ao público infantil é a interação da linguagem verbal e visual. As palavras e as imagens se integram, seja

completando ou até mesmo se contrapondo” (2018, p. 22). As imagens são parte da história, um recurso que contribui para a apreciação do enredo pela criança. Abramovich (2006) ressalta que os livros sem texto, ou seja, compostos apenas por imagens, possuem narrativas completas mesmo sem fazer o uso de nenhuma palavra. “Ao prescindir o verbo, dão toda possibilidade para que a criança a use” (2006, p. 32).

O texto de imagens se constitui como ferramenta para que a criança solte a imaginação e exerça sua criatividade através da história, e ao passo que diverte, possibilita que o pequeno leitor se identifique. A autora também nos lembra que “esses livros são experiências de olhar” (2006, p.33), aqui está o que o autor almejou passar e como a criança o percebe e lê a história.

A entrevistada ressalta novamente que o contato com a leitura deve acontecer desde cedo, do Infantil I, mais precisamente, pois segundo ela:

A lembrança vai ficar, alguma coisa fica, se existe uma leitura dentro de você foi por conta da sua trajetória. Como uma criança que nunca teve contato vai gostar? Por isso tem que começar de pequeno”.

A fala da professora nos lembra que o gostar de ler não acontece sem experiências de leitura, ou seja, não é algo inato, sendo necessário vivenciar para se identificar com a experiência, ter apreço por ela. Para Colombo (2009, p. 72), “a efetiva formação de crianças leitoras depende [...] de atitudes e situações reais de contato e interação com a leitura”. Promover o interesse da criança pela leitura não deve acontecer somente após a alfabetização, mas bem antes de iniciar esse processo.

Em síntese, Márcia entende que as vivências com a literatura infantil na Educação Infantil são importantes para que os pequenos desenvolvam seu interesse pela leitura. Esse período da infância é percebido por ela como essencial para a construção de hábitos, e para isso, as crianças precisam ser estimuladas, desde cedo, a perceber que ler é uma atividade prazerosa, só assim desenvolvem o gosto pela leitura. Para Fuertes (2017, p. 50) “por meio da leitura pelo professor, as crianças também vão aprendendo comportamentos leitores”.

Perguntei se as crianças da pré-escola demonstram curiosidade sobre a leitura e a professora me respondeu referindo-se especificamente ao seu agrupamento:

Algumas sim, tem umas que já pegam livros na biblioteca, revistinhas e gibis, por que mesmo na Educação Infantil tentamos mostrar para eles vários gêneros textuais [...] alguns se interessam e já outros não.

Márcia relata que no “intervalo” as crianças costumam ir até a biblioteca, o que demonstra o interesse delas pelos livros, mesmo que ainda não saibam ler convencionalmente, pois, segundo ela, é *“lógico que eles não leem, mas pegam para ver”*. Essa afirmação da professora parece expressar uma certa contradição quanto ao seu posicionamento anterior sobre a leitura de imagens, ao dizer que as crianças pegam os livros, mas não os leem. Cabe ressaltar que esse tipo de experiência também pode ser caracterizado como uma leitura. As revistinhas e gibis, citados por ela, possuem texto e imagens, apesar da leitura ainda não ser de palavras, os desenhos permitem que a criança acompanhe a história e realize a sua leitura por meio das ilustrações. Coelho (2000) considera que na fase do pré-leitor, período que as crianças da pré-escola se encontram, o contato com livros de imagens é essencial para aproximá-los da leitura.

A literatura infantil é um gênero composto por diversos tipos de textos, e oferece um repertório amplo e diversificado. A professora também considera que as crianças devem ser apresentadas a diversos gêneros textuais. Porém, na última fala citada, não ficou claro se ela se refere aos demais gêneros ou especificamente a literatura infantil, quando coloca que algumas crianças do seu agrupamento demonstram interesse pela leitura e outras não. Talvez seja necessário refletir sobre o que ela considera como indicador do “interesse” das suas crianças.

Ao ser questionada se a literatura infantil pode ser uma ferramenta para despertar o interesse da criança pela leitura, Márcia trouxe duas compreensões. Primeiro, para justificar o papel da literatura, ela se refere a existência de um tempo na rotina dedicado exclusivamente a isso, a “roda de história”:

Com certeza, é uma ferramenta importantíssima, tanto que faz parte do contexto da Educação Infantil sempre, pois nós temos os tempos e um deles é a roda de história, que é justamente para trabalhar a literatura infantil”

Depois, considera que o lúdico na literatura infantil se constitui a partir dos instrumentos e da postura do professor para contar ou ler uma história, e não da obra em si:

A parte da história que é contada ludicamente, por que às vezes a gente se fantasia ou mesmo pede para elas contarem a história através das fantasias, e dependendo de como a gente consegue tempo para preparar uma aula, às vezes em cima de uma história a gente faz uma dramatização [...] quando você propõe para eles dramatizar a história eles amam, se sentem mais importantes.

Para ela, apenas contar ou ler uma história não será tão eficaz sem o envolvimento de outro elemento para compor essa atividade. A professora se refere a “fantasias”, mas também podemos incluir o uso de fantoches e outros instrumentos para ajudar nesse momento. A percepção sobre “ser uma ferramenta” lúdica para a formação do leitor se constitui no uso de recursos externos ao livro/história. É importante lembrar que a literatura em si já se constitui como um “jogo lúdico” que atrai a atenção do pequeno leitor (AMARILHA, 2012).

Márcia parece considerar que a literatura infantil não se constitui um recurso que desperta o interesse da criança, daí ser necessário desenvolver estratégias para motivar meninas e meninos para a leitura. Assim, apesar de considerar os textos literários importantes, como visto anteriormente, apenas a leitura de uma história não seria lúdica o suficiente para alcançar tal feito, *“sempre tem que ter essas ferramentas por que só leitura em si para a criança, para despertá-la, é muito difícil”*.

Vale destacar que a leitura não deve ser um momento neutro, ou seja, sem que passe ao ouvinte a emoção que a história representa. Para Abramovich (2006), ler para crianças não é uma tarefa fácil. Durante a leitura o professor deve seguir o ritmo do enredo, e emprestar a sua voz a história. A autora nos lembra que “o livro da criança que ainda não lê é a história contada” (2006, p.24).

Para Colombo, 2009, p.62:

Dentre os muitos recursos do qual o professor pode utilizar em sala de aula para propiciar a formação de uma criança leitora, a literatura infantil ocupa um papel de destaque, por ser um objeto da cultura humana, portador de diferentes gêneros textuais, como a narrativa, o conto, o diálogo, o poema, as quadrinhas, etc. além de ser rico em outros aspectos como a imagem, o material e o conteúdo.

O professor não deve se sobrepor à história, seja na leitura ou na contação. Utilizar fantasias, ou como Márcia relata ser necessário, fazer um “*jogo de cintura para chamar a atenção*”, não se constitui algo imprescindível. O uso dessas ferramentas pode contribuir para a criação de uma atmosfera atraente para a criança, assim como para enriquecer o momento, mas a literatura infantil já se constitui como elemento potente para envolver a criança e fazê-la construir cenários, imaginar ações, experimentar sentimentos dos personagens da história narrada.

Ouvir histórias – sobretudo quando ainda não se lê a palavra – de livros ou a partir deles, inventadas pelos adultos ou adaptadas, alimenta a fantasia infantil. As crianças guardarão no seu imaginário as melhores imagens, que serão símbolos em repouso na memória, para interagirem com experiências futuras (RESENDE, 1997, p.18 apud COLOMBO, 2009, p. 124-125).

Sobre o papel da literatura infantil na formação de leitores na pré-escola, a professora reforça o posicionamento de que essa etapa é importante para a construção de hábitos e de aprendizagens que vão ser levados para a vida da criança e futuro adulto. A professora caracteriza a pré-escola como o período em que acontece a construção do hábito da leitura, do gosto e da apreciação do ato de ler. Para ela, a literatura infantil é percebida como uma forma de aproximar a criança dos livros e de uma atividade leitora, uma vez que ela realiza a leitura de imagens, a leitura de mundo e mantém contato com as letras. Cabe destacar que a docente, em suas falas, coloca bastante ênfase na importância de se ler para as crianças:

Com certeza, porque é o começo de tudo, é a partir da pré-escola que eles começam a ter esse hábito. Você começa de pequeno para ter esse hábito de leitura. A literatura é um mundo de fantasia [...] eu acho que é de grande valia e muito importante eles começarem essa leitura desde pequenos, por que já se familiariza com os livros, não apenas com eles em si, mas com outros tipos de textos também [...] o contato com as letras, a leitura de mundo que fazemos bastante com eles, por que como eles não sabem ler, eles leem as imagens, e eles viajam nas imagens. Eu acho muito válido e tem que ter, acho que é um dos tempos que precisa ter, o contato com a leitura.

Ao ser questionada sobre o papel do professor nesses momentos, a professora comenta como desenvolve a sua prática com as crianças.

Geralmente na roda de conversa eu primeiro converso e faço as inferências, quando eu pego um livro para eles lerem, eu primeiro mostro a capa, peço para eles dizerem o que acham que essa história vai ter, o que vai acontecer. Para mim é a parte que eu acho mais importante dos tempos da pré-escola é a parte da leitura.

Colombo (2009) considera que a professora, ao atuar como mediadora de situações de leitura, deve proporcionar às crianças o contato com a totalidade da obra de literatura infantil, “que sejam capazes de perceber não só a linguagem escrita presente, mas também as diferentes outras figuras de linguagem presentes no livro infantil, como as ilustrações” (p. 111).

Márcia expõe que as crianças devem adentrar no ensino fundamental sabendo escrever e reconhecer o nome, tal fala ressalta a preocupação com a aprendizagem de letras e palavras. É preciso destacar que ao final do ciclo de alfabetização, no segundo ano, as crianças devem realizar o SPAECE-Alfa⁵. Essa prova costuma mobilizar as escolas o ano inteiro, logo, as

⁵ Avaliação da Alfabetização – SPAECE-Alfa, surgiu em 2007, como uma ampliação do SPAECE, e consiste em uma avaliação anual, externa e censitária, para identificar e analisar o nível de proficiência em leitura dos alunos que estão no 2º ano do Ensino Fundamental das escolas da Rede Pública, nas esferas estaduais e municipais, a

cobranças começam a surgir ainda na Educação Infantil, através da aquisição dessa habilidade para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Portanto, o foco de sua prática muitas vezes recai sobre a escrita, mais precisamente através da reprodução de palavras da história lida. É preciso enfatizar que a experiência de escrita deve partir de uma situação significativa para a criança. Quando ela se identifica e aprecia a história, pode se interessar em descobrir como se escreve seu título, as palavras que se destacaram mais no texto, o nome do personagem com o qual mais se identificou ou até daquele de quem não gostou de jeito nenhum. Os textos literários também proporcionam o contato com as características da escrita, com as letras. Amarilha (2012) considera que através da literatura infantil, a criança mantém contato com o simbólico em dois níveis: o da palavra, uma vez que é por intermédio dela que acontece o processo de imaginação do universo a que a história se propõe; e o da identificação com os personagens e enredos, que permite ao leitor infantil transitar entre realidade e fantasia. Márcia relata como desenvolve à prática:

Eles vão sair daqui só sabendo o nome e eles já reconhecem as letras do alfabeto, aí eu faço o que, geralmente quando eu conto a história eu me remeto a história em tudo, no desenho, no contar, que eles recontam oralmente ou através do desenho. Eu tiro palavras do texto para trabalhar na sala de aula com eles, porque como eles já escutaram fixam mais, tipo os personagens (o nome dos personagens) para que eles comecem a se familiarizar a partir de então. Eu coloco o nome da história no quadro para eles reproduzirem no caderno de desenho, por que já é uma maneira deles já escreverem.

No entanto, é preciso considerar a criança e o seu interesse para essa aprendizagem da escrita (o que ela, de fato, quer escrever), assim como oportunizar o momento da escuta e apreciação da história. Realizar uma cópia sem sentido, e como obrigação, após a leitura, pode não ser interessante, e não promover uma plena apreciação da história. O despertar do gosto pela leitura depende também da relação que a criança estabelece com a ação de escrever, por isso precisa viver experiências de escrita significativa. Como nos lembra Amarilha (2012), “as crianças conservam o que lhes é significativo” (p. 92).

A professora não costuma deixar as crianças livres para escolher as palavras que desejam escrever, ela escolhe as palavras que mais se repetem na narrativa. Aparentemente esse tipo de atividade escrita é realizada com frequência no agrupamento. Para ela:

Se não for o professor, como vai ser essa troca, a mãe em casa pode até ensinar, mas ela não tem aquele jeito que você tem na sala de fazer ... por que quando você vai contar uma história você canta uma música para chamar a atenção deles, por que contar uma história por contar também não é interessante, você tem que fazer bem antes uma inferência, tentar fazer com que se empolguem para a gente contar a

história e nesse vai e vem de contar é todo tempo as interrupções, eles falam uma coisa que não tem nada a ver e você vai e tenta reexplicar. Uma coisa que eles nunca viram e não sabem, mas acham interessante, aí a gente vai e explica.

Segundo Márcia, o professor tem uma postura mais sensível sobre o assunto, sendo mais competente para possibilitar a imersão da criança na história. É necessário destacar que os pais são figuras de referência importantíssimas para a criança, mas os momentos de leitura em família têm o objetivo de deleite, de apreciação da história, o que costuma também favorecer a interação e o fortalecimento dos laços afetivos entre pais e filhos. Já nas práticas de uma professora no contexto do agrupamento, as crianças, além de desfrutar da história lida, são estimuladas a observar as características de um texto escrito, a pensar e aprender sobre a palavra escrita.

Marcia considera que a figura do professor é fundamental para estimular a criança para o ato de ler. Ela acredita que, criando um ambiente de acolhimento para a leitura de um livro e cantando uma música para iniciar a atividade, pode atrair a atenção da criança, e que o resultado dessas ações é percebido quando a criança apresenta respostas condizentes com o enredo da narrativa. Porém, é necessário considerar que uma resposta “errada” não significa, necessariamente, que a história não foi compreendida, ela pode ter ganhado outro sentido para a criança, que representa a sua realidade interna e suas percepções. Como nos lembra Colombo (2009, p.70), “o texto literário possui diferentes interpretações”.

4.2 As práticas com a literatura infantil no agrupamento de Infantil V

A literatura infantil se faz presente no dia a dia do agrupamento através do momento da “roda de histórias”, tempo indispensável na vivência das crianças dentro da Educação Infantil. A professora considera que esse é “*um tempo que não pode faltar*”. O planejamento dessa atividade é feito com antecedência, a escolha da história tem como base o tema que será trabalhado com as crianças. Ela ressalta, por exemplo, que a próxima semana será dedicada ao trabalho sobre a consciência negra, e por isso já escolheu os livros a serem lidos.

O meu planejamento da semana já está feito, e em cada dia tem uma história diferente, na próxima semana já vou trabalhar sobre a consciência negra, então já estou com todos os livros já planejados para contar para eles. Aí faço todas as inferências sobre isso, aí todo dia na rodinha falo sobre o assunto que eu vou contar. Então é assim, sempre parte de uma história. A leitura está sempre presente na rotina da Educação Infantil, ou a leitura dita e escrita, ou a leitura de imagens.

O planejamento na Educação Infantil não deve ser percebido pelo professor como um modelo rígido, uma vez que o centro dele é a criança e, portanto, as suas especificidades e interesses devem ser considerados. As diretrizes (2009) trazem uma figura de criança ativa, que nas interações com o mundo participa e produz cultura, assim, para uma aprendizagem significativa é necessário levar em conta os seus conhecimentos prévios, os seus saberes (SANTOS; JUNIOR, 2016). Nesse sentido, perguntei se as crianças costumam pedir que a professora leia uma história que não está no seu planejamento, e ela relata que em algumas situações sim:

Às vezes eles trazem um livro e pedem “tia conta essa história?” e eu conto também, é difícil isso acontecer, mas quando acontece eu pego a história e digo “certo, vou contar sua história”

A postura dela é muito importante porque representa acolhimento ao pedido feito pela criança, o adulto ajuda na construção de uma relação positiva com a leitura ao acolher o interesse da criança por uma história. Segundo Lerner (2002, p. 95 apud FUERTES, 2017, p. 50) para alcançar um comportamento leitor na criança, o professor também precisa ser um leitor, e assim, oportunizar que elas participem das situações de leitura que realiza. Portanto, estimular essa ação, ao ler o livro que ela trouxe é muito importante, e também faz a criança se sentir assim.

Durante a leitura da história as crianças costumam interagir com a professora, “*no meio, elas falam alguma coisa*”. Ao ser perguntada sobre como reage a isso, ela diz:

Eu paro e explico a dúvida dele, “aí, tia, deixa eu ver”, aí eu mostro o livro e quando eles terminam a história eles vão ver o livro, fazer a leitura de imagens, do que eles gostaram de ouvir e ver.

Márcia relata que as perguntas costumam ser feitas no decorrer da história e que ela adota uma postura compreensiva durante esses momentos, parando para escutar às crianças e atendendo aos pedidos de ver as imagens mais de perto. A interação da criança com o livro também deve ser oportunizada, ao manuseá-lo, além de ter contato com o objeto em si, a criança pode “retomar trechos da história para confirmar dúvidas e trechos de que mais gostaram, folhear o livro para deter-se no que chama mais a atenção” (FUERTES, 2017, p. 82-83). A professora demonstra reconhecer isso, e expõe que:

Mesmo eu mostrando, depois eu passo o livro e todos eles folheiam, cada um folheia o livro até chegar no último, tem uns que eu pergunto e eles falam com detalhes sobre a história, o nome dos personagens, o que aconteceu. Eu fico perguntando “fulano fez o que? o que aconteceu?” e nisso eles recontam a história tanto oralmente como eles colocam no papel, o desenho, tanto que tem uns que reproduzem a história tal qual, é incrível como eles fazem. Tem uns que fazem de qualquer jeito, mas tem uns que tem uma riqueza de detalhes, tem a coerência de fazer o desenho dentro do que eles ouviram.

Pela sua fala o momento do reconto se constitui, principalmente, pela exposição oral e através do desenho. Cabe destacar novamente a postura de Abramovich (2006) quanto à forma de exposição feita pela criança, que pode acontecer das mais diversas maneiras, dependendo do que o pequeno leitor sentiu ao escutar a história. Márcia busca incentivar que as crianças recontem a história e também demonstra valorizar as produções que conseguem interpretar de forma fiel o que foi lido.

Toda leitura é válida dentro da sala de aula, porque eles vão para as outras séries já acostumadas que tem que ler, aprender a interpretar, por que o grande problema é a interpretação.

Para a professora, recontar a história é uma forma da criança aprender habilidades futuras necessárias, como a interpretação de textos. Nesse sentido, o momento de falar sobre a história se configura na interpretação correta do que foi lido, uma vez que se refere à essa exigência presente no Ensino Fundamental, em que apreciar a história é mostrar que compreendeu o enredo e saber fazer as inferências necessárias. Essa posição desconsidera o fato de que a literatura infantil possibilita a seu leitor, vivenciar em seu íntimo a história

(MARTINS, 2018), podendo realidade pessoal do leitor influenciar a sua percepção sobre a história.

Querer que a criança recontar tal e qual a história, pode não se configurar como um estímulo, mas, ao contrário, tornar a leitura uma atividade trabalhosa, menos atraente, em que não se pode pensar livremente, e isso pode comprometer o prazer que a narração de uma história pode proporcionar. Para Abramovich (2006, grifos do autor, p.136):

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho ou chato... É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto”.

É importante destacar que apesar disso, Márcia não reprime as crianças durante a leitura ou contação, e considera que aprende muito com eles: *“Todo tempo eles perguntam e falam, aí a gente para e vai explicar, às vezes você escuta coisas e até aprende com eles”.*

Nesse sentido, questionei se as crianças se interessam por esse momento e de que forma ela consegue perceber isso. Ela respondeu:

Nós temos vinte alunos. Hoje nós temos quinze, desses apenas uns cinco gostam de ver e ouvir e ficar caladinho ouvindo, mas a grande maioria todo tempo tem que chamar atenção, direto. Chamar mesmo para eles poderem escutar, mas é engraçado que a gente acha que eles não estão escutando, mas no final quando eu pergunto eles sabem contar a história, entendeu? Às vezes a gente subestima, por que às vezes os que se danam mais, são os que mais sabem contar a história.

A professora considera que o interesse da criança pode ser percebido através de dois momentos. Ao contar a história de forma correta, o que não significa dizer que ela não se interessou se contar “errado”, uma vez que “dentre as qualidades da literatura infantil que podem colaborar para o processo de formação do leitor, aponta-se [...] que o texto literário possui diferentes interpretações, não há certo ou errado” (COLOMBO, 2009, p. 70). São muitas as possibilidades que a obra literária representa para o seu leitor. O segundo é sobre a atenção das crianças no momento da história, o gostar exprime *“ficar caladinho”* e focar no professor, mas nem sempre a criança vai estar fazendo isso, e ainda sim pode estar ouvindo e apreciando a leitura. Ela apontou para uma criança para ressaltar isso, *“ele não para, mas no final sabe contar a história”.*

É importante destacar que a professora reconhece isso, e considera que as crianças não devem ser subestimadas. O momento da leitura ou contação da história acontece em uma roda no chão, *“aí depois eles vão para as cadeirinhas e fazem as atividades, retiram a agenda da lousa”.* Marcia, em seus posicionamentos, esquece que a leitura da história não deve se

constituir como uma obrigação para a criança, mas como um momento prazeroso, em que pode comentar livremente as suas impressões sobre a história sem se preocupar com respostas “corretas”. Ao priorizar uma postura passiva da criança neste momento, não percebe que escutar a leitura “calada, quieta”, nem sempre significa dizer que a criança está se identificando com o momento.

Ao oportunizar o contato das crianças com as obras literárias, a professora tem vários objetivos. Ela espera que eles possam gostar de ler e que no futuro possam realizar leituras fluentes, conseguindo interpretar textos quando chegarem ao Ensino Fundamental. Ela afirma desejar:

Que eles se tornem leitores, que comecem a criar o gosto pela leitura desde cedo para quando chegar lá nas séries maiores, eles não terem dificuldades de fazer uma leitura mais fluente, de saber interpretar um texto, por que essa é a grande dificuldade. Então assim, o meu objetivo é saber que se eu encontrar com um deles lá na frente podem dizer, “ai tia, eu gosto de ler! Aprendi a ler e a gostar com a senhora”.

Ela relata que algumas crianças já costumam pegar livros na biblioteca, *“Eles estão sempre pegando livros, mesmo que seja só para folhear, por que eles não sabem ler.* Tal afirmação desconsidera que a leitura não se limita a palavras, e que as ilustrações são uma forma da criança ler a história. A leitura, ainda que não seja de forma convencional, ainda é uma leitura. As imagens, para a criança pequena, são um aliado importante para ler as histórias. A partir da leitura das imagens surge o interesse da criança pela leitura das palavras. As ilustrações nos livros de literatura infantil ajudam a contar a história. Segundo Fuertes, nas palavras de Reyes, a criança pode ser considerada “como leitor pleno e completo, na qualidade de construtor de significado, desde o início de seus dias” (REYES, 2010, p. 23 apud FUERTES, 2017, p. 48). Contraditoriamente à sua última fala mencionada, quando perguntei sobre a leitura de imagens, a professora respondeu: *“é um grande começo, e que grande começo!”*.

A professora revela que todos os livros disponíveis na turma já foram lidos, e por isso recorre a biblioteca da escola. Ela considera que a confecção de materiais, o uso de recursos e a organização do ambiente, são importantes para a preparação de um clima acolhedor, pois são responsáveis por atrair a atenção das crianças durante o momento da leitura ou contação da história. A expressão da sua empolgação também é um requisito importante para ela. Vale lembrar que a criança se espelha no professor, e ele precisa levar em conta a relação de “leitor para leitor” existente entre eles, e, portanto, sua empolgação precisa ser verdadeira. (LERNER, 2002, p. 95 apud FUERTES, 2017, p. 95). Marcia complementa que:

Às vezes não dá tempo de pegar um livro na biblioteca com antecedência, como já são histórias conhecidas, me preparar me preparar não, às vezes quando dá pra me preparar e fazer palitoches ou usar algum artifício para chamar mais atenção, eu uso. E assim, a impostação da voz é importante, a sua empolgação na hora de contar uma história, eu tento me empolgar para eles se empolgarem também, e às vezes quando dá tempo de ler a história antes, quando não dá, vai assim mesmo.

É importante destacar que a professora precisa realizar uma leitura antecipada do livro a ser compartilhado com as crianças. Esse momento é tão importante quanto a leitura para o grupo. É necessário conhecer a obra para que no momento da leitura se possa transmitir às crianças aquilo que o texto oferece. Infelizmente, nem sempre a professora realiza essa leitura prévia. Para Abramovich (2006, p. 18):

Quando se vai ler uma história, seja qual for, para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se ver na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem.

Ao ser questionada se tem alguma preferência pela leitura ou contação de uma história, a professora responde que:

Prefiro ler, porque eu gosto de ler e mostrar para eles, porque quando você lê está contando ali a história real do jeito que ela é, quando você vai ler e só contar sempre foge um detalhe.

Marcia opta por realizar a leitura do livro, pois consegue mostrar as ilustrações para as crianças e também apresentar a história da forma que o autor a escreveu. Como mencionado ao longo deste trabalho, a literatura é rica, e ao ler para as crianças, o professor está emprestando a voz a história, e, portanto, precisa passar sua emoção, seguir o seu ritmo, saber dar pausas e conhecer os seus personagens (ABRAMOVICH, 2006).

Na hora de escolher uma história, a professora considera importante que ela “*desperte neles o interesse em ouvir*”, assim, conhecer os interesses do seu agrupamento é fundamental para tal ação. Ela relata que:

Já aconteceu de eu escolher uma história para ler e eles nem aí, sem graça [...] já ouvir dizer que quando você escreve um livro, pensa no leitor “será que ele vai gostar?”, então a mesma coisa é com a história, eu tento procurar vários tipos de história que façam com que eles se identifiquem e gostem. [...] E geralmente costumo escolher a história de acordo com o conteúdo que vou dar naquele dia, para enfatizar mais ainda o conteúdo que estou dando.

Márcia afirma que escolhe o livro que lerá para as crianças de acordo com o *conteúdo* que vai apresentar. Essa concepção de planejamento baseado em *conteúdos*, característica do Ensino Fundamental, e não em *experiências*, característica da Educação Infantil, parece desconsiderar a concepção de currículo determinada pelas DCNEI (2009), no seu Artigo 3º, como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Nessa fala, a professora expressa também a adoção do planejamento baseado em datas comemorativas, pois a entrevista foi realizada cerca de quatro dias antes do dia da Consciência Negra, (comemorado em 20 de novembro).

Amarilha (2012, p.56) considera que os textos literários são lúdicos, envolventes e estimulantes, e por isso “desenvolve na criança uma atitude positiva para com a aprendizagem”. É importante que as histórias possam contribuir para as aprendizagens vividas na pré-escola, mas também não se pode esquecer que a literatura é arte, apreciação, e o contato com ela deve ser valorizado pela experiência de fruição em si mesma.

Segundo Márcia, dificilmente as crianças indicam espontaneamente os livros que querem ler, é uma raridade isso acontecer. Então ela adota estratégias para incentivar as crianças e instigar sua curiosidade. Ao se posicionarem quanto à escolha dos livros, elas têm a opção de explorar e selecionar, entre diversos materiais, aquele que mais gostou, aquele cuja capa ou ilustrações mais lhe atraíram. Segundo ela, assim as crianças se animam para descobrir o que vai acontecer na história:

Às vezes, mas não é sempre, eu pego alguns livros e coloco na roda e digo: “vamos escolher o que vocês querem” e pela capa eles fazem, depois a gente faz uma votação e escolhe o que eu vou ler.

A profissional, considera positivo quando as crianças indicam alguma história, pois seria uma forma de demonstrar que elas apreciam a leitura. Pela sua fala, é possível perceber certa contradição quanto ao seu posicionamento anterior acerca do gosto pela leitura, aqui ela considera que isso pode acontecer de forma inata:

Acho um máximo por que uma criança pedir para ler alguma coisa, só se for aquelas que realmente gostam de ler, por que você sabe, quando gostam, já nascem ou criam o hábito. Tem uma aqui que às vezes me pede, mas é uma raridade.

Segundo Colombo (2009, p. 74) “ler, e o gostar da leitura, preferências leitoras e todos os demais requisitos relacionados ao ato e processo leitor são fatores que se aprendem lendo”, ou seja, é a partir de vivências com os livros e as histórias que se “aprende” a gostar de ler, ao

se identificar com o enredo e com os seus personagens. Em casa, no contato com a família, as crianças podem estar imersas em contextos de leitura, serem incentivadas e dispor de acervos de livros.

Questionei se, ao fim da leitura, as crianças costumam fazer perguntas ou se posicionar sobre o que foi lido. A professora relata que é muito difícil que o façam e geralmente é ela que intervém com questões sobre a história para que o agrupamento comente. Para Fuertes (2017, p. 82), “o momento após a leitura oportuniza que as crianças possam discutir o texto, colocando suas impressões pessoais (construir sentidos)”. É importante que esse momento se constitua como uma experiência significativa para a criança, na qual possa expressar sua compreensão sobre a leitura sem receber o julgamento de “certo ou errado”, mas que se configure como espaço de apreciação e compartilhamento com o outro.

Eu considero importante porque é uma maneira deles se interessarem pela leitura e pelo assunto. Na Educação Infantil você tem sempre que está instigando-os, fazer com que eles falem, por que o importante é o falar deles, a interação que eles têm com a gente e com os colegas.

Por meio dos seus posicionamentos, percebemos que a professora tem a intenção de expressar que prima por uma relação de escuta para com as crianças, o que é muito importante quando pensamos no cenário da formação de leitores. Incentivar a fala e a discussão sobre a história lida permite que a criança possa estabelecer com o professor uma relação de leitor para leitor, à medida que ele acolhe e demonstra valorizar seus posicionamentos e pensamentos sobre a leitura. Segundo Amarilha, “ao relato de uma história, imediatamente o ouvinte, ou leitor se afasta do mundo que o cerca, portanto, ele faz aquele distanciamento necessário para penetrar no universo da ficção, do faz de conta” (2012, p. 53). Assim, a compreensão da criança sobre a história vai muito além de interpretar, mas a nível pessoal, e cabe ao professor respeitar e considerar a sua colocação.

Eles precisam conversar, não devemos subestimá-los também, porque às vezes a gente faz, as histórias que eles contam, eles trazem a história deles de casa [...] tem que dar voz. Na rodinha surgem comentários e a gente para e escuta. Eu não vou dizer “agora não, não está na hora”, de jeito nenhum, eu não quebro esse momento, se eles querem falar, falem.

Para enfatizar esse posicionamento, se refere às perguntas que surgem no meio da leitura. Segundo ela, mesmo aparecendo questões completamente fora do assunto, ela não inibe as falas, mas também não estimula, já que não competem ao momento. Nesse sentido, o

parecer CNE/CEB n°: 20/2009 nos lembra que a Educação Infantil não é fragmentada, ou seja, não existe um momento certo para que a criança se posicione sobre algo:

As práticas pedagógicas devem ocorrer de modo a não fragmentar a criança nas suas possibilidades de viver experiências, na sua compreensão do mundo feita pela totalidade de seus sentidos, no conhecimento que constrói na relação intrínseca entre razão e emoção, expressão corporal e verbal. (BRASIL, 2009, p. 9)

Ao final da leitura as crianças costumam explorar o livro. Sobre isso, Marcia considera como:

A parte que eu acho mais importante é dar o livro para eles folhear, olhar as imagens, porque daí eles já vão fazer o reconto em desenho sabendo o que eles vão colocar no papel, não é aleatório. Eles escutam a história, a gente reconta oralmente e depois eles recontam através do desenho.

A professora coloca bastante ênfase em sua prática com a literatura infantil na interpretação da história através do reconto. Aqui, o desenho precisa ter ligação com a história, com a reprodução das imagens do livro, logo, precisa seguir a lógica do que foi contado, e não pode ser “aleatório”. Para Abramovich ao ouvir uma história as crianças se estimulam a reconta-la das mais variadas formas, seja no “desenhar, musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar” (2006), logo, no momento de recontar a história deve-se considerar também o interesse da criança e a forma que ela escolher fazer. Nesse sentido, o parecer destaca que as instituições de Educação Infantil devem “criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses”. (BRASIL, 2009, p.12).

Os livros na sala do infantil V são guardados dentro do armário, “*aqui na sala tem o acervo, mas é guardado ali*”. Márcia assumiu a turma em setembro e não havia local para exposição de livros na ocasião, ela acredita que a outra professora não quis fazer e por já estarem no final do ano letivo não pretende iniciar agora. As crianças costumam pegar o material na biblioteca. Ela completa:

Aqui não tem um cantinho para a leitura, por que como eu já peguei o bonde andando, o cenário já estava pronto. Essa sala aqui não tem os livros expostos como a outra sala tem, e como a sala não é minha eu não fui atrás, mas quando eu pego a sala de primeira, gosto de fazer um cantinho para a leitura.

É importante que as crianças possam ter um espaço de incentivo à leitura dentro da sala de referências, tendo a sua disposição vários livros, que ao longo do dia possam ser

explorados por ela. O fato de não ser visível, por se encontrar dentro do armário, faz com que não perceba que eles estão ali. Para Colombo (2009, p. 34):

É imprescindível para a formação da criança leitora, a organização do entorno para que ela tenha possibilidades de contato e interação com materiais e hábitos de leitura. Por o adulto ser o parceiro mais experiente da cultura nessa relação, cabe a ele proporcionar as condições apropriadas para a criança se tornar um leitor, e o não interesse leitor da criança pode ser mais atribuído a uma falha do adulto, da escola e do professor do que da própria criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo trazer a percepção de uma professora que atua na pré-escola sobre o papel da literatura infantil na formação de leitores e, para isso, teve como objetivos específicos: discutir o papel da literatura infantil na formação de crianças leitoras na pré-escola, descrever a percepção da professora acerca do papel da literatura infantil na formação de indivíduos leitores e, por fim, conhecer a percepção dessa professora a respeito de suas práticas com a literatura infantil no seu agrupamento.

Os dados construídos permitem inferir que a literatura infantil desempenha um papel importante na rotina do agrupamento da professora investigada. Ela relata, inúmeras vezes, que a construção do hábito de leitura deve ter início desde cedo e que as experiências vividas ao longo da Educação Infantil são importantes para tal. Para isso, a literatura infantil deve ser vista como uma forma de aproximar a criança da leitura e possibilitar que goste de ler. Dessa forma, segundo Márcia, a professora da Educação Infantil contribui para a formação de leitores.

Suas falas expressam a compreensão de que a literatura infantil desempenha um papel essencial na vida das crianças, assim como às incentiva a perceber a experiência de ler como prazerosa e divertida. Marcia reconhece que a criança deve gostar e apreciar esse momento da leitura, portanto, na rotina do agrupamento, busca “fazer de tudo para que elas gostem”.

A professora relata promover, nas suas práticas, diversas situações de interação entre as crianças e as obras de literatura infantil: diariamente lê uma história, após a leitura estimula as crianças para que elas folheiem e explorem o livro, planeja momentos em que elas escolhem o livro que será lido para a turma. Quando alguma criança lhe solicita, Marcia acolhe pedidos de leitura que não estão no seu planejamento. Nos seus depoimentos, ela aparenta ter uma postura compreensiva quanto a fala das crianças, principalmente durante a leitura de uma história, quando escuta e incentiva a expressão delas.

Ainda assim, existe, em sua prática, uma exacerbada valorização da interpretação literal da história narrada pelo autor. Para a professora, as crianças apenas demonstram interesse pela leitura quando conseguem recontar de maneira fiel o que foi lido. Ela parece ter a percepção de que existe o reconto “certo” e o “errado”, não demonstrando considerar que um texto literário pode ter várias interpretações. O reconto sempre acontece após a leitura, é feito oralmente ou por meio do desenho, e nesse, as produções das crianças também precisam condizer com a história. A professora também percebe a reprodução das ilustrações como um indicador do interesse da criança, e considera que existem crianças que conseguem fazer um

trabalho bem elaborado, tanto ao falar como desenhar, outras não.

A qualidade da experiência das crianças durante a leitura de uma história é avaliada por Márcia a partir da suposta atenção da criança à leitura realizada. Ficar em silêncio, “caladinho”, e prestar atenção ao professor, para ela, são sinais de que as crianças estão atentas. Essa professora não parece saber que as crianças, aos cinco anos, com seu pensamento pré-operatório e sua inteligência prática (PIAGET, 1896-1980) precisam também da ação para pensar. Como nos mostrou Henri Wallon, nessa idade é frequente elas utilizarem o movimento para organizar seu pensamento (DANTAS, 1990). Em síntese, nem sempre estar “caladinha” durante a história significa que esta experiência de leitura está sendo significativa para ela.

Ouvir a professora ler uma história não deve se configurar como uma obrigação para a criança. Viver esse momento como uma obrigação, pode fazer com que ela não se interesse pelo enredo, não sinta prazer pela leitura. Se ela não puder, por exemplo, escolher a história que vai ser lida, se deleitar com seu enredo, comentar livremente o que pensa sobre ela, construir suas interpretações sem preocupações com uma suposta forma “correta” de fazê-lo, dificilmente a criança será alguém que lê e escreve com fluência e prazer.

Com relação ao fato da professora citar que realiza atividades nas quais as crianças são orientadas a escrever letras e/ou palavras de uma história, tendo ela, nessa prescrição, o principal objetivo de aprendizagem da escrita do nome próprio, habilidade exigida para as crianças que iniciam o 1º Ano do Ensino Fundamental, é preciso lembrar que esse não deve ser o objetivo da professora (ou professor), no contexto do Infantil V.

Segundo o Artigo 9º. das DCNEI (2009), as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo um conjunto de experiências fundamentais para o desenvolvimento de crianças e bebês. Entre essas experiências, no Inciso III do mesmo Artigo, temos: experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. Fica claro, então, que as experiências das crianças do Infantil V com a literatura não podem ter como objetivo o atendimento às expectativas dos profissionais que atuam no Ensino Fundamental.

O fato, mencionado pela professora, de que a maioria das crianças do seu agrupamento não demonstram interesse pela leitura, muito provavelmente, pode ser consequência de experiências de leitura e escrita sem significado, ou até desprazerosas para essas crianças. É importante considerar, também, que a compreensão da professora, de que o interesse das

crianças pode ser mensurado a partir da sua postura de escuta silenciosa durante a leitura e interpretação “correta” da história, ao final dela, desconsidera outros fatores, por exemplo, o fato de fazerem perguntas durante a leitura, de pedirem para ver a imagem mais de perto ou elaborarem diferentes interpretações sobre a história, podem ser indicativos do interesse das crianças. Porém, para compreender melhor essa realidade, seria necessário a observação da rotina desse agrupamento.

No entanto, apesar das limitações metodológicas desse estudo, é possível concluir que a professora considera proporcionar às crianças momentos ricos no contato com as obras de literatura infantil, incentivar a leitura e acolher as crianças nos seus posicionamentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- AMARILHA, Marly. Infância e literatura infantil: traçando a história. Revista **Educação em Questão**, v. 11, n. 2, p. 126-137, jan./jun. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/9497/6865/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. 2009. Tese (Doutorado – Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca, 2009.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009**. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 89p. (Coleção Primeiros passos; 163).
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMBO, Fabiano José. **A literatura infantil como meio para a formação da criança leitora**. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- DANTAS, Heloysa. **A infância da razão**. São Paulo: Manole Dois, 1990.
- FERREIRA, Waldmir Assis Freitas; PEREIRA, Reny Fátima Assis. A Contribuição da Literatura na Educação Infantil. **Revista de Educação**, v. 18, n. 25, p.53-57, 2015. Disponível em: <<https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/3477>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.
- FUERTE, Silvia Helena Mihok. **Experiências literárias na primeira infância: caminhos possíveis para a formação de professores**. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGORIN FILHO, J. N. Concepção de Infância e Literatura Infantil. **Linha D'Água**, n. 22, p. 129-135. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37329>>. Acesso em 2 de setembro de 2022.

MARTINS, Nathalia. **De Chapeuzinho Vermelho à formação de leitores: olhares infantis**. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

PELIZZARI, A. et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. Revista **PEC**, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em 17 de outubro de 2022.

SANTOS, Javan Sami Araújo dos.; TRAJANO JÚNIOR, Salatiel Braga. **Aprendizagem significativa na educação infantil: a relevância da prática docente no desenvolvimento integral da criança**. v. 10, n. 01, p. 1-17, set. 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8949/7/Aprendizagem_significativa_na_educacao_infantil_a_relevancia_da_pratica.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2022.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866**, v. 2, n. 2, p. 135-149, jul./dez. 2009. <<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em 2 de setembro de 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Liliane Alves de. **O papel da literatura infantil na formação de leitores**. 2018. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Graduação em Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 1994.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Entrevista Semiestruturada

Objetivo geral: Investigar a compreensão de uma professora de pré-escola sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento de crianças leitoras.

- Idade.
- Formação acadêmica.
- Instituição em que se graduou e ano de conclusão do curso.
- Como se deu o início da sua relação com a educação?
- Há quanto tempo você trabalha com educação? Desde quando é professora?
- Durante a sua formação, cursou disciplinas sobre a Educação Infantil? Caso sim, alguma delas abordava sobre literatura infantil?
- Qual o tipo de vínculo com a instituição?
- Há quanto tempo atua como professora na Educação Infantil? Desde quanto atua na pré-escola?
- Por que escolheu trabalhar com a Educação infantil?
- Você escolheu trabalhar com o infantil V? Por quê?
- Para você, qual a função da Educação Infantil?

Descrever a percepção de uma professora de pré-escola acerca do papel da literatura infantil na formação de indivíduos leitores:

1. Como é a sua experiência com a leitura? Em que situações e com que frequência você lê textos, livros?
2. Você gosta de ler? Caso goste, quando e como surgiu o seu interesse pela leitura? Havia algum incentivo para isso? Caso não goste, como você entende esse “desprazer”? Como ele se constituiu na sua vida?
3. Para você, o que é literatura infantil? Qual o seu papel?
4. Você vê relação entre a Educação Infantil e o desenvolvimento do interesse pela leitura nas crianças? Justifique.
5. O que você pensa sobre o contato das crianças com obras de literatura infantil?
6. Na sua visão, as crianças em idade pré-escolar demonstram curiosidade sobre a leitura? Como?

7. Para você, a literatura infantil pode ser uma ferramenta para despertar e fomentar o interesse da criança pela leitura? Por que?
8. Na sua opinião, a literatura infantil contribui para a formação de leitores na pré-escola? Por que?
9. Nessa fase, é comum que as crianças ainda não consigam ler convencionalmente. Assim, para você, qual e como deve ser o papel do professor na promoção de experiências com os textos literários?

Conhecer a percepção dessa professora a respeito de suas práticas com a literatura infantil no seu agrupamento:

1. Com que frequência as crianças tem contato com os textos literários? E em quais tempos da rotina?
2. Você planeja com antecedência o momento de leitura das histórias ou acontece de forma espontânea, por exemplo, quando existe um espaço livre?
3. Como acontece o contato das crianças com as obras de literatura infantil?
4. As crianças interagem durante a leitura ou contação da história? Como você lida com as perguntas que surgem?
5. Na sua visão, as crianças se interessam por esse momento? Por que?
6. Qual o seu objetivo em oportunizar o contato das crianças com as obras de literatura infantil?
7. Você se prepara antes de ler ou contar uma história para as crianças? Como?
8. Você costuma ler ou contar histórias para as crianças? O que você considera importante na hora de escolher uma história para o seu agrupamento? As crianças costumam indicar o que querem ouvir? O pedido delas é atendido?
9. Após a leitura da história, as crianças fazem perguntas? Você considera isso importante? Como você age nesse momento?
10. Existe disponibilidade de acervo com livros variados na escola?
11. Dentro da sala, as crianças tem fácil acesso ao acervo de livros? Após o momento da escuta de uma história elas costumam explorar esse material?